

REVISTA VOZ DA PALAVRA

DESTAQUE DA CAPA

GILSON PÓNTHERS

ISSN 3085-9026

Quando a palavra
não se cala

Vol. 2 - Nº 19

FEVEREIRO 2026
FORTALEZA/CE

Editores
Gilson Pónters
&
Pedro Blum



ISSN 3085-9026

Revista Voz da Palavra



Volume 2

E-mail: profgilsonpontes4@gmail.com

Contato: (85) 9 9648-2190

Fevereiro 2026/Fortaleza/CE

Editores

Gilson de Albuquerque Pontes

&

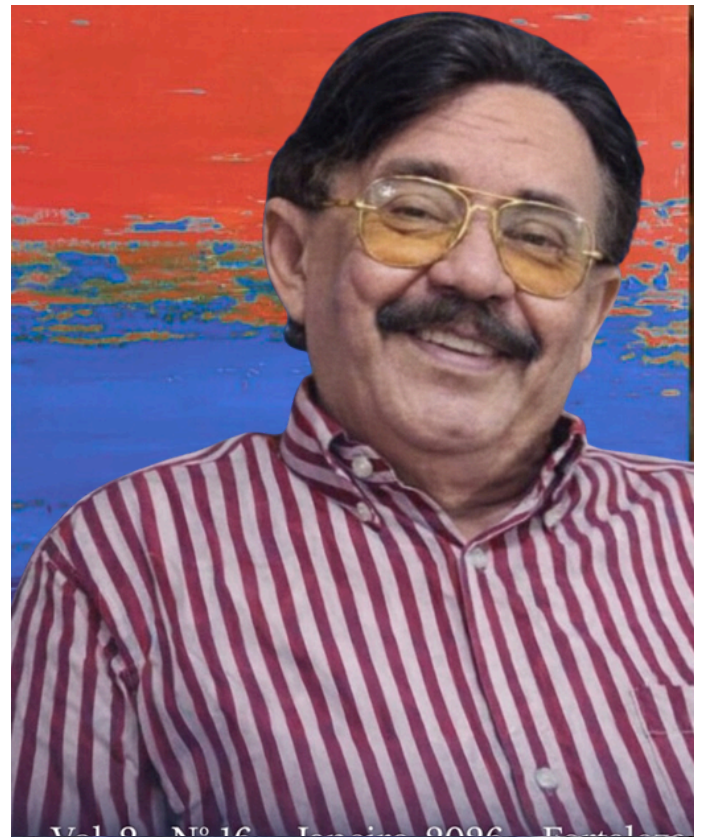
Pedro Blum de Moura

Copyright © Revista Voz da Palavra

Um Espaço Especial para Destacar os Autores



Gilson Pónthes



Pedro Blum

Escritores e Poetas Nesta Revista

- Bernivaldo Carneiro
- Chico Mesquita
- Gilson Pónthes
- Pedro Blum
- Vicente Alencar

**Os que são fiéis conhecem só o
lado trivial do amor. A infide-
lidade é que sabe das tragédias
do amor.**

OSCAR WILDE

EXPEDIENTE

**Presidente: Gilson de Albuquerque Pontes
e Vice-Presidente: Pedro Blum de Moura
Revista: Voz da Palavra
Editor Chefe: Gilson de Albuquerque Pontes
Criadores da Revista: Gilson de Albuquerque
Pontes
e Pedro Blum de Moura
Revisão: Emmanuela A. Amaral de Moura
Design e Diagramação: Gilson Pónthes
Ilustrações: Gilson de Albuquerque Pontes
Colaboradores desta revista:
Redes Sociais: Site, Instagram,
Facebook, Google e WhatsApp**

NOTA

**Todos os textos e imagens
publicadas
são de responsabilidade
da revista.**

**A reprodução é permitida somente
com autorização por escrito.**

site: revistavozdapalavra.com.br



@voz.da_palavra

EDITORIAL

Manifesto Editorial — Edição 19

Viver não é apenas existir. Viver é estar presente. É ação, é gesto, é voz. Só existe, de fato, quem aparece e se coloca no mundo pela palavra, pelo pensamento, pela escrita que incomoda, ilumina e provoca. A Revista Voz da Palavra nasce desse princípio: dar espaço a quem tem algo a dizer — e coragem para dizer. Aqui, a palavra não é ornamento; é ferramenta, é enfrentamento, é criação. É lugar de encontro entre poetas, escritores, ensaístas e pensadores, e entre todos aqueles que acreditam que a linguagem ainda é capaz de transformar.

*Se você escreve, este espaço é seu; se pensa, aqui é o seu lugar; se cria, a revista o acolhe. A Voz da Palavra destaca você — sua escrita, sua identidade, sua visão de mundo. Não importa o rótulo: poeta, escritor, cronista, autor iniciante ou experiente. O que importa é a força do que se diz. Este é um convite aberto, um chamado à presença. **Gilson Pónthes** o espera de braços abertos para conhecer seus escritos, dialogar com suas ideias e ampliar, junto com você, este coro de vozes que se recusam ao silêncio. Entre. Participe. Faça-se ouvir. Porque a palavra só vive quando encontra quem a sustente.*

SUMÁRIO

Livros Físicos | 7

E-books | 8

Entrevista | 9-13

Artista Visual | 14

Pintura Impressionista | 15

Viajar | 16

A Elegância do Improviso | 17

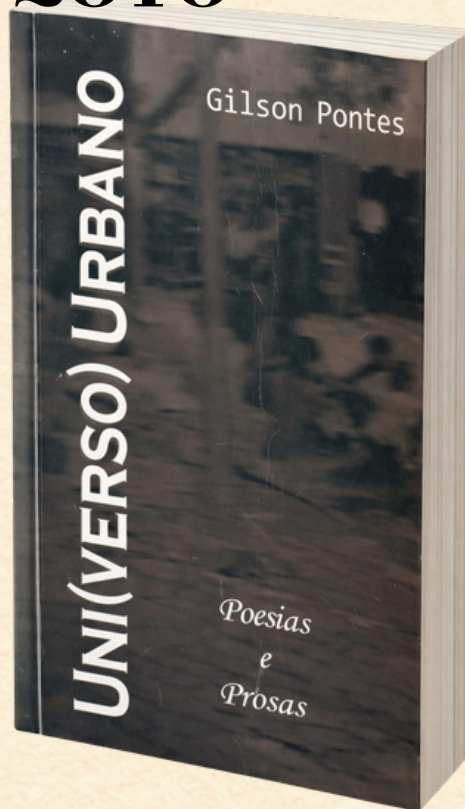
**Réquiem para uma Praça de
Fortaleza | Aldravia | 18**

Livros físicos

1997



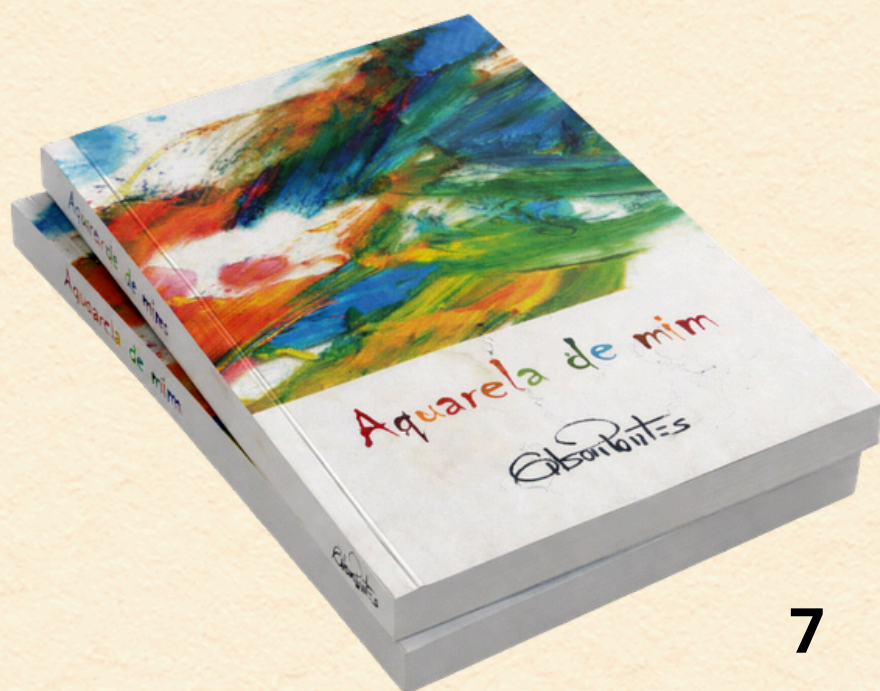
2010



2012



2014



7

E-Books



Gilson Pónthes

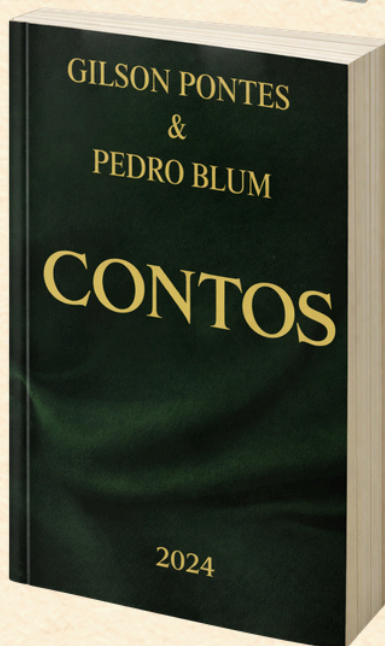
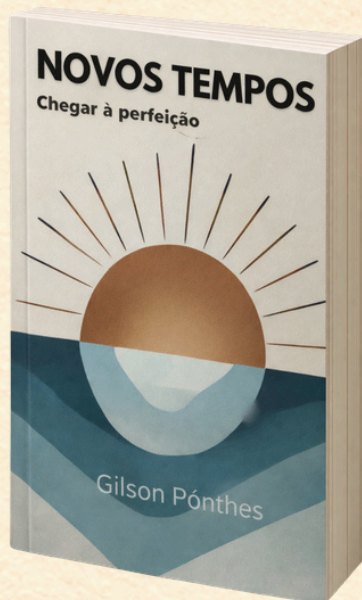
Sinopse

A vigília do tempo é um livro de sonetos que observa a experiência humana sob o olhar silencioso da lua.

Em versos de rigor clássico e tom contemplativo, os poemas percorrem o amor, o desejo, a memória, o corpo e a finitude, compondo um itinerário poético sobre aquilo que passa enquanto algo permanece.

A lua não age: vigia.

O homem vive — e passa.



Entrevista – Gilson Pónthes

Professor Gilson Pónthes

A palavra como filosofia, arte e resistência

Revista Voz da Palavra

Entrevista de Pedro Blum com Gilson Pónthes

1

PB — Sabemos de sua reconhecida atuação em sala de aula. prática docente contribuiu para o aprofundamento de sua sapiência literária?

GP — Sem dúvida. A sala de aula sempre foi um território de troca viva. Ensinar exige leitura constante, escuta atenta e reflexão permanente. Esse exercício cotidiano aprofundou minha relação com a literatura e com a palavra, que não se esgota: ela se reinventa a cada leitura, a cada diálogo, a cada experiência.

2

PB — Desde quando surgiu o seu interesse e talento voltados para a poesia, especialmente a poesia de cordel?

GP — O interesse nasceu cedo. A poesia surgiu como necessidade de expressão e afirmação identitária. O cordel revelou-se uma linguagem direta, popular e profundamente filosófica, capaz de traduzir o cotidiano, a memória e a sensibilidade coletiva. Foi ali que compreendi que escrever também é um ato de resistência.

3

PB — Por quantos anos o senhor, na condição de professor e filósofo, atuou em sala de aula?

GP — Atuei por 20 anos em sala de aula, como professor de Filosofia, Língua Portuguesa, Redação e Produção de Texto. Esse percurso possibilitou unir pensamento crítico, linguagem e escrita, formando não apenas estudantes, mas consciências capazes de questionar o mundo.

4

PB — Durante esse longo período como membro do corpo docente e das academias literárias, a convivência acadêmica contribuiu para o fortalecimento de sua relação com a literatura?

GP — Contribuiu de maneira decisiva. Desde os 12 anos, quando iniciei a escrita de cordel, contos, crônicas e poesias, a literatura já fazia parte da minha vida. O ingresso nas academias literárias proporcionou amadurecimento, reconhecimento e, sobretudo, a valorização do meu próprio trabalho enquanto escritor.

5

PB — Algum filósofo consagrado exerceu influência direta sobre o seu interesse pela literatura e pela escrita?

GP — Sócrates foi a maior influência. Ele fez da própria vida um espaço de reflexão. Ao afirmar “Só sei que nada sei” e “Conhece-te a ti mesmo”, ensina que o verdadeiro saber nasce da humildade intelectual. Quanto mais aprendemos, mais percebemos o quanto ainda precisamos aprender para compreender o mundo e a realidade.

6

PB — Seu talento para as artes visuais e a pintura em está ligado ao fato de também ter exercido a de professor de Artes

GP — Antes de ser professor de Artes Visuais, eu já era pintor. Iniciei na pintura aos 20 anos, transitando pela pintura impressionista, acadêmica e pelo abstrato. A influência mais marcante veio de Vincent van Gogh, sobretudo pelo empastamento e pela intensidade cromática, elementos que dialogam diretamente com meu estilo.

7

PB — Alguma de suas produções artísticas visuais já foi contemplada ou reconhecida em concursos ou exposições?

GP — Ao longo de 15 anos expondo em galerias, em mostras individuais e coletivas, grande parte das minhas obras foi premiada, muitas delas com primeiro lugar, incluindo reconhecimentos como melhor obra do período, no campo da arte moderna e contemporânea.

8

PB — A Revista Voz da Palavra lhe desperta entusiasmo diante do sucesso literário e cultural que vem alcançando?

GP — A Revista Voz da Palavra representa, para mim, gratidão e propósito. Sou grato a Deus pela oportunidade de conduzir esse projeto. Mesmo em um tempo em que a escrita nem sempre é valorizada, sigo feliz, escrevendo e provocando leitores, escritores, poetas e cordelistas a manterem viva a palavra. A revista é um convite permanente à criação.

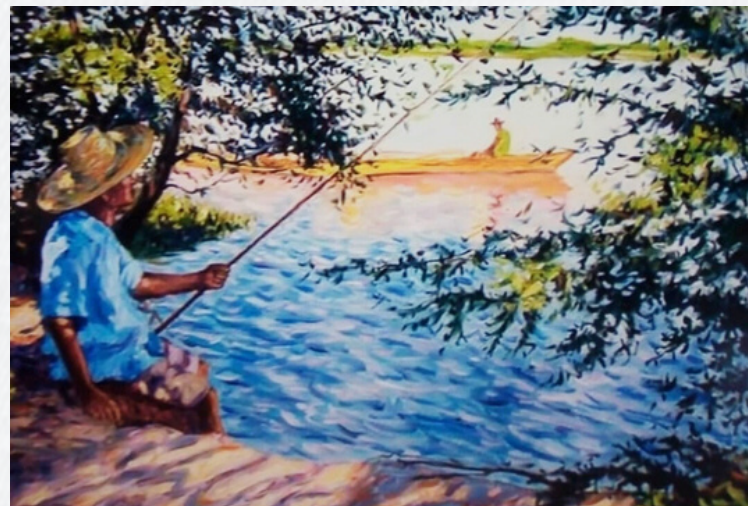


Minicurrículo

GILSON PÓNTHERS é cearense de Frecheirinha. Graduado em Filosofia e História e Letras, pela Universidade Estadual do Ceará UECE em Língua Portuguesa Literatura. Membro Efetivo da Academia de Letras dos Municípios Cearenses - ALMECE e da Associação Cearense de Escritores - ACE. Professor de Escola Pública. Poeta, cronista e contista. Publicou Saudade em Poesias-1997; Uni (verso) urbano 2010, poesia e prosa. Licença Poética - 2012, poesias. Pertence à Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias. É verbete na Enciclopédia da Literatura Brasileira Contemporânea - Volume XII - 2006, Rio de Janeiro. Colaborador do Jornal Academus, de seis Revistas Ilustradas e coeditor de onze edições da coletânea da ALMECE; Participa do Estações da Palavra Estação das Palavras, 1ª Antologia de Prosa e Verso da Associação Cearense de Escritores - ACE - 2010; Segundo Pensamento 2ª Antologia de Prosa e Verso - ACE - 2011. Artista plástico há 28 anos. Pós graduado em Jornalismo, Artes Visuais e Arte Design. Pós graduado em IA - Inteligência Artificial. Pós grado em Literatura Brasileira.



Gilson Pónthes
Artista Visual



Pintura impressionista



(**GILSON PÓNTES**) - Artista Plástico que se dedica desde 1986 na arte de pintar, desenhar, fazer escultura, infogravura, infografia, gravuras. Um artista voltado mais para arte contemporânea. Domina a técnica do acrílico, do guache, do óleo e textura. Aqui em Fortaleza participou de 12 coletivas e 8 individuais. Dentre as escolas de pintura é um profundo conhecedor das artes, desde o clássico. Com exposições fecundas representando às artes plásticas, em lugares longínquos como Alemanha, Estados Unidos, Portugal e Brasília. Participou da Internacional Print Biennial Varna Bulgária 2004 com participação especial na Revista Escala Pintura em Tela nº 03, ano 01- 2003- São Paulo e Revista Ateliê e Pintura nº 10, 2003 - São Paulo. Ganhou três vezes melhor prêmio, quando selecionado pela Universid'arte fic, ano 2002, 2003 e 2004. Foi selecionado para XIII Bienal UNIFOR PLÁSTICA no ano de 2005 Espaço Cultural UNIFOR e novamente selecionado para UNIFOR PLÁSTICA XIV 2007, na categoria pintura contemporânea E graduado em Filosofia, História e Letras UECE. E colunista do jornal o REBATE, site: www.orebate-gilsonpontes.blogspot.com- Atualmente

Viajar

por **Gilson Pónthes**



Viajar é um meio pelo qual o ser humano se renova interiormente. As experiências adquiridas ao longo das viagens contribuem de modo significativo para o crescimento pessoal e para a ampliação da percepção de mundo. Durante uma viagem, surgem inúmeras oportunidades de aprendizagem: o contato com pessoas de outras cidades ou estados, o encontro com culturas distintas e o consequente alargamento do círculo social. Esse deslocamento físico frequentemente se transforma também em deslocamento intelectual e emocional. Há quem viaje como turista, movido pelo desejo de conhecer novas regiões e seus costumes. Outros, porém, viajam com a intenção de renovar-se interiormente e de aprender algo que ultrapasse o simples lazer.

Em ambos os casos, a experiência do viajar revela-se enriquecedora. A viagem proporciona bem-estar, favorece o reencontro consigo mesmo e possibilita a assimilação de novos valores culturais. Ao afastar-se da rotina, o indivíduo passa a observar a realidade sob outros ângulos, desenvolvendo maior sensibilidade e compreensão. Viajar, portanto, conduz à reflexão sobre conceitos, à revisão de posicionamentos pessoais e ao resgate de valores que, muitas vezes, pareciam esquecidos, mas que continuam sendo fundamentais para a construção do ser humano.

A Elegância do Improvise

(por Bernivaldo Carneiro)



O essencial não é ter abrigo, mas saber habitá-lo. — anônimo (aprendido na rua)

A vida dos sem-teto não é fácil. Cobra caro. Frederico sabe disso — ainda que não consiga explicar em palavras. Nascido e vivido até os quarenta meses nas ruas, aprendeu cedo que conforto é circunstancial e que a estabilidade, quando aparece, deve ser usufruída sem apego excessivo. Apesar de quase filhote, já é um sujeito desenrolado, desses que não esmorecem diante do improvise. Não perde tempo lamentando o que falta; ocupa-se do que surge. Agora, na condição de ex-sem-teto, Fred se vira nos trinta com tranquila desenvoltura.

A nova morada — o Sítio do Escritor — tem árvores, silêncio, cheiro de livros novos e antigos e uma promessa vaga de futuro. Ele gosta disso, mas com a cautela de quem ainda testa o chão antes de deitar: fareja os cantos, mede as sombras, confirma mais de uma vez se o sossego veio mesmo para ficar.

Ficou registrado na crônica anterior que sua primeira cama foi uma caixa de papelão encontrada abandonada junto a um muro. Não durou. Entre sonhos agitados e pesadelos de perseguições imaginárias, o invólucro cedeu. Rasgou-se em silêncio, como fazem as coisas provisórias quando cumprem sua função.

Fred não dramatizou. Não é mimizento. Vitimizar-se, posando de coitado, não é sua praia. Com essa disposição prática, revirou os arredores com o faro de quem sabe que soluções existem. Encontrou, entre os guardados do Dr. Chico, uma bacia de plástico — aparentemente mais resistente que o papelão. Um achado.

Acomodou-se nela com precisão quase geométrica, como quem aceita o mundo: duro nas bordas, mas possível por dentro.

Talvez seja isso que defina os verdadeiramente desenrolados: não a abundância, mas o ajuste. Fred não tem muito. Tem uma bacia, um canto, memória e um corpo que aprendeu a caber. E isso basta para que, por algumas horas, o mundo inteiro caiba em seu sono.

Réquiem para uma Praça de Fortaleza

Vicente Alencar

(Da Academia Cearense de Literatura e Jornalismo)

A praça foi ferida,
deteriorada pela ausência
do olhar de nossas autoridades.

A beleza de seu verde
já não é a mesma.
Não há mais roseiras,
não se ouvem pipilos nem gorgeios.

Arrancada por vândalos,
a espada do General
jaz distante de seu Patrono.

Os bancos foram roubados.
Sacos plásticos ao vento
denunciam um encontro irresponsável
com buracos e sujeira.

Os leões já não rugem,
e a lira do coreto
é apenas lembrança
de um passado de glórias.
Nem mesmo as prostitutas
ocupam seus poucos bancos.

E Rachel foi esquecida —
a miopia agravada
após o furto dos óculos.
O povo, na sua mediocridade
deseducada e sem raízes,
nada diz, nada fala.

O tempo marca as horas
e o desalinho de uma praça
que parece escolher sucumbir,
enterrando, lentamente,
suas tradições.



ALDRAVIA

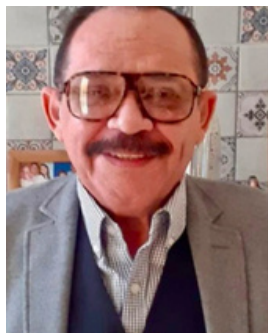


na
selva
de
pedra
soa
barulho

Gilson Póntes

Crítica Cultural

por Pedro Blum



Período Momino

O Carnaval sempre conviveu com excessos. Isso não é novidade. O que muda, no entanto, é a dimensão que esses comportamentos passaram a assumir ao longo do tempo. O avanço tecnológico, a superexposição nas redes sociais e a perda de limites sociais transformaram aquilo que antes era uma festa popular em um período marcado por exageros difíceis de ignorar.

Houve um tempo em que o Carnaval era sinônimo de irreverência simples, espontânea e, muitas vezes, ingênua. Não era necessário chocar para chamar atenção. A diversão surgia do improviso, do riso fácil, do encontro entre pessoas. Hoje, a lógica parece invertida: quanto maior o excesso, maior a visibilidade.

O resultado desse cenário é preocupante. Durante o período momino, os índices de violência, crimes e comportamentos abusivos crescem de forma alarmante, ultrapassando, em muitos casos, os padrões registrados em épocas comuns do ano. São situações que desafiam a ordem pública e colocam em xeque a ideia de festa como expressão cultural saudável.

Há práticas claramente inadequadas que não precisam ser detalhadas, pois são amplamente conhecidas pela sociedade. Elas ferem princípios básicos de convivência, respeito e civilidade, ainda que muitas vezes sejam relativizadas sob o argumento da “liberdade” carnavalesca.

É preciso deixar claro: a tecnologia não é a vilã desse processo. O problema está no uso irresponsável que se faz dela. Quando empregada de forma consciente, pode ser instrumento de informação, organização e valorização cultural. Quando usada sem critérios, apenas amplifica comportamentos nocivos.

Cabe, portanto, uma reflexão coletiva. O Carnaval não precisa perder sua alegria para recuperar seus limites. Festa e responsabilidade não são conceitos opostos — são, na verdade, complementares.

Meus Desejos

por Chico Mesquita



São demais os meus desejos,
Não dá mais pra suportar,
Se te vejo mil festejos,
Coração fica a pulsar.

A saudade dói no peito,
Não sei mais o que fazer,
Pra viver fico sem jeito,
Mil caminhos vou correr.

Por estradas que eu seguir,
Vou pra sempre te procurar,
Quando a porta se abrir,
Vou correndo te abraçar.

Nunca vi amor assim,
Vou levá-la pra capela,
Cheira mais do que jasmim,
Quando vejo da janela.

Autor: Chico Mesquita.
Presidente da AILA.

Desafio

por Chico Mesquita

Como as águas deste rio,
Que passou não volta mais,
Vivo neste desafio,
Enfrentando vendavais.

Minhas lutas são demais,
Ora calor, ora frio,
Como as águas deste rio,
Que passou não volta mais.

Em momento tão sombrio,
Peço graças celestiais,
Com tremendo arrepio,
Vejo anjos divinais.
Como águas deste rio.

Estilo poético Rondel.

Autor: Chico Mesquita. 20
Membro da ALMECE.